



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB

Faculdade de Educação – FE

ANA ISABELA CAMILO DE PAULA

**QUESTÕES DE GÊNERO NA LITERATURA INFANTIL: COMO O TEMA TEM
SIDO TRATADO NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO**

Brasília, 8 de dezembro de 2016

ANA ISABELA CAMILO DE PAULA

**QUESTÕES DE GÊNERO NA LITERATURA INFANTIL: COMO O TEMA TEM
SIDO TRATADO NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília pela graduanda Ana Isabela Camilo de Paula, orientada pela Professora Doutora Vera Aparecida de Lucas Freitas, como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Brasília, 8 de dezembro de 2016

ANA ISABELA CAMILO DE PAULA

**QUESTÕES DE GÊNERO NA LITERATURA INFANTIL: COMO O TEMA TEM
SIDO TRATADO NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Vera Aparecida de Lucas Freitas - Orientadora

UnB – FE

Profa. Dra. Norma Lúcia – membro

UnB - FE

Profa. Dra. Paula Cobucci - membro

CMB

Profa. Dra. Paula Gomes Oliveira - suplente

UnB – FE

Dedico este trabalho à minha mãe (*in memoriam*) e ao meu pai, que tanto me apoia. Espero que se sintam orgulhosos, independentemente de onde estejam.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a toda a minha família, que sempre me deu apoio e incentivo, independentemente das circunstâncias: ao meu pai, Luiz Claudio, por ser o meu maior exemplo, nunca ter me deixado faltar nada e por acreditar e estar comigo ao longo de toda a minha caminhada; à Rosy, pelo carinho e por me acolher como uma mãe; aos meus irmãos: Carolina, Luiza, João Felipe e Sofia, por serem minhas válvulas de escape e me lembrarem diariamente de como levar a vida mais leve, me ajudando com suas brincadeiras e risadas e proporcionando momentos de diversão e aprendizado.

Aos amigos, que permaneceram comigo, sempre demonstrando cumplicidade, companheirismo e carinho, me amparando por meio de conversas, desabafos e apoio emocional, em especial: Clara Ferretti, Clara Porto, Giórgia Plauto, Isabel Paganine, Samuel Reine, Amanda Kali, Barbara Kelly, Bruna Chan, Caio Coelho, Ludmilla Ruama, Rebecca Giani, Fernanda Serafim, Adônis Tarallo e Diogo Koga. A presença, cuidado e dedicação de vocês foram fundamentais para me passar segurança e a certeza de que não estou sozinha.

Aos colegas de curso que caminharam comigo e nunca abriram mão de me ajudar, estando presentes e crescendo comigo ao longo de toda essa jornada, compartilhando as alegrias, tristezas, angústias e felicidades que a Academia pôde nos proporcionar nos últimos anos.

À Universidade de Brasília, por fazer parte de mim e por ter me proporcionado tamanho crescimento e os melhores anos de minha vida pessoal e profissional até então.

A todos os professores os quais tive a honra de ser aluna, exemplos de mestres e doutores, sempre demonstrando sabedoria e força em ensinar e aprender, vocês foram de extrema importância na minha carreira acadêmica e no desenvolvimento deste trabalho.

À escola que me acolheu durante o desenvolvimento da minha pesquisa e onde tive o privilégio de realizar estágio por dois anos. Graça Gírio, Luciana Freitas, Vanda Azevedo e toda a equipe do colégio, minha gratidão pela oportunidade cedida e por terem me acolhido de braços abertos, sempre dispostos a me ajudar. Aprendi e evoluí imensamente com todos vocês.

À Professora Vera Freitas, minha orientadora, por ter compartilhado sua sabedoria e conhecimento comigo; pelo carinho maternal com que me acolheu; por ter me apoiado e incentivado desde o primeiro dia em que conversamos, acreditando em mim mais até do que eu mesma; pela paciência e dedicação na orientação.

*Que nada nos limite, que nada nos defina,
que nada nos sujeite.
Que a liberdade seja nossa própria substância,
já que viver é ser livre.*

Simone de Beauvoir

PAULA, Ana Isabela C. de. QUESTÕES DE GÊNERO NA LITERATURA INFANTIL: COMO O TEMA TEM SIDO TRATADO NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO. 2016. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Faculdade de Educação - Universidade de Brasília - UnB, Brasília - DF.

RESUMO - O conceito de gênero é muito subjetivo e cultural, permeando as diversas esferas sociais, tendo assim cada vez mais visibilidade e mais espaço de discussão na sociedade contemporânea. Partindo desse pressuposto, o presente trabalho tem como principal objetivo compreender de que forma a literatura infantil trata as questões de gênero nos livros da Caixa de Leituras Complementares do Ministério da Educação - MEC para o Ciclo de Alfabetização, considerando a influência que a leitura e a escola têm no processo de formação dos indivíduos e discutir alguns relatos coletados em situações reais de observação participante e interação. A pesquisa foi realizada com enfoque qualitativo, de caráter exploratório, uma vez observada a necessidade de se investigar um fenômeno que parta de uma realidade social. A coleta de dados se deu por meio de levantamento bibliográfico das obras dos *Acervos Complementares - alfabetização e letramento nas diferentes áreas do conhecimento*, disponibilizados pelo MEC para as escolas públicas brasileiras de Ensino Fundamental paralelamente a coleta de relatos pessoais que se deram por meio de observação participante em uma escola da rede particular de ensino, localizada na Asa Norte, em Brasília. Os dados obtidos foram insatisfatórios e demonstraram que há uma quantidade muito pequena de obras disponíveis acerca do assunto, além de o tema ser muito pouco abordado em sala de aula, refletindo um sentimento de irrelevância quanto ao debate da diversidade e do respeito à pluralidade.

Palavras-chave: gênero; literatura; ciclo de alfabetização.

Sumário

MEMORIAL.....	2
1 - APRESENTAÇÃO DO TEMA	6
Introdução.....	6
2 - PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	8
Introdução.....	8
Diversidade, heterogeneidade, gênero e identidade	10
Concepções sobre criança e infância.....	12
3 - A PESQUISA	13
Introdução.....	13
<i>Os Acervos</i> como geradores de parte de dados para esta pesquisa.....	13
Diversidade e gênero no Currículo em Movimento da Educação Básica - SEEDF.....	15
Demonstração infográfica dos dados obtidos	16
Análise do conteúdo dos livros constantes nos <i>Acervos</i>	19
Apresentação e análise dos relatos coletados.....	22
PALAVRAS FINAIS	30
Referências.....	35
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....	38

PARTE I - MEMORIAL

MEMORIAL

Por meio deste memorial busco recordar minha trajetória de vida, lembrando os princípios da minha vida escolar até os dias atuais, relacionando-a às questões de gênero e de que forma tais questões estiveram presentes significativamente para mim.

Nasci em 1995 em Londrina, no estado do Paraná, e desde pequena vivenciei diversas mudanças. Com poucos meses de vida minha família se mudou para a cidade de Piracicaba, no interior do estado de São Paulo, e aos dois anos de idade nos mudamos novamente, desta vez para o Distrito Federal, onde cresci e me criei, me considerando uma brasiliense. Sendo a segunda de cinco irmãos, desde cedo recebi o que considero uma boa educação, meus pais sempre foram muito presentes e atenciosos.

No ano de 1998, quando eu tinha três anos de idade, minha irmã, aos cinco, já começava a ler e escrever, despertando em mim um grande desejo de frequentar a escola também, desejo este que se concretizou no ano seguinte, iniciando minha vida escolar em 1999, aos quatro anos de idade, em uma escola particular da Asa Norte, em Brasília. Estudei até os oito anos de idade, antiga segunda série do ensino fundamental, nesta mesma escola, sendo alfabetizada e guardando minhas primeiras memórias escolares. Durante estes anos, lembro-me que brincávamos sempre juntos, meninos e meninas, independentemente da brincadeira ou dos brinquedos em questão; as professoras buscavam não fazer a diferenciação de cores de forma sexista, como “azul para os meninos, rosa para as meninas”. Acredito que, ainda que eu não soubesse à época, este foi o meu primeiro contato com as questões de gênero, processo que não teve continuidade nos anos subsequentes.

Nos anos seguintes, de 2003 a 2007, me mudei de escola repetidamente, concluindo cada ano em uma instituição diferente. Fiz um ano em uma escola particular da Ceilândia; no ano seguinte voltei para o Plano Piloto; em seguida concluí um único ano em uma escola da rede pública – também na Asa Norte; até que, obtendo sucesso em um concurso de bolsas, me mudei novamente, desta vez para uma escola de elite na Asa Sul, onde permaneci até concluir o ensino fundamental, na antiga oitava série. O que pude perceber, em tantas mudanças, mesmo que em realidades distintas – Ceilândia e Plano Piloto, rede pública e privada –, é que em nenhum destes anos, em nenhuma destas escolas, eu tive um contato novamente com as

questões de gênero. Pelo contrário, considero que na prática todas elas adotavam posturas indiferentes ao assunto, propiciando a ocorrência de situações de machismo, preconceito de gênero, etc.

Iniciando o Ensino Médio, em 2010, me mudei novamente de escola, desta vez onde permaneceria até o final do terceiro ano. Acredito ter sido justamente essa a fase em que comecei a me interessar e buscar me familiarizar com os assuntos de gênero, pois foi quando cultivei novas amizades e me aproximei de colegas homossexuais. No segundo ano do ensino médio, acompanhei um amigo passando pelo processo de auto aceitação e de se assumir para si mesmo e para a sociedade, e pude perceber como tal assunto ainda é muito tratado como tabu, além do grande preconceito que ele sofria mesmo dentro da escola, por parte dos demais estudantes, e um descaso por parte da gestão pedagógica, que acobertava os fatos e não tomava uma posição a respeito das situações de constrangimento pelas quais ele passava. Por ser um assunto novo para mim, uma realidade diferente da que eu estava habituada, tomei a iniciativa de pesquisar sobre os temas, de me informar para poder ajudar, de alguma forma, os amigos que lutavam por uma igualdade todos os dias.

Em 2013 iniciei uma nova etapa em minha vida, recebendo a aprovação no vestibular da Universidade de Brasília e me tornando aluna de graduação do curso de Pedagogia. Confesso que, nesta nova fase, sofri certo desapontamento sob o ponto de vista das expectativas acerca do curso. Eu imaginava que as questões de gênero, que já despertavam o meu interesse, seriam abordadas, em diversos momentos, nas disciplinas do curso, dada a sua importância e a necessidade de serem introduzidas e trabalhadas nas escolas, por se tratar de um tema muito sério e cada vez mais atual. Tal situação não ocorreu, na realidade os temas em questão foram abordados poucas vezes e por poucos professores em suas disciplinas.

Observando a pluralidade da Universidade e a diversidade que ela nos proporciona, mais uma vez decidi buscar o conhecimento e me aproximar do tema. Fiz amizade com pessoas de movimentos LGBT e do feminismo, por exemplo, que lutam por igualdade, respeito, visibilidade, etc.

Durante o ano de 2014, tive a oportunidade de fazer parte do Programa Jovens Talentos para a Ciência, uma parceria da CAPES com o CNPq, no qual eu recebi uma bolsa de iniciação científica, sob a orientação da Professora Doutora Maria da Conceição da Silva

Freitas, que me ajudou muito e foi sempre muito solícita comigo, contribuindo positivamente para meu crescimento profissional e pessoal. Fui apresentada por essa professora ao grupo REDECENTRO – Rede de pesquisadores sobre professores no Centro-Oeste, uma parceria entre Programas de Pós-Graduação de sete instituições nacionais – e a um de seus desdobramentos de pesquisa, o estudo sobre a Inserção Profissional de Egressos (IPE), também orientado pela professora Maria da Conceição.

Foi nessa fase que dei início aos meus estudos sobre Gênero, após uma reunião com a professora citada, que me sugeriu agregar a temática que estudávamos à minha área de preferência. Iniciamos, assim, uma pesquisa sobre a Inserção Profissional dos Egressos do curso de Pedagogia do sexo masculino, investigando em que nível as questões de gênero interferem em seu ingresso no mercado de trabalho. Foi um período de bastante aprendizado, muito significativo, porém infelizmente, devido a contratemplos, a Professora Conceição não pôde prosseguir em minha orientação.

Assim, no segundo semestre de 2015, me matriculei na disciplina de Projeto 3, na turma de Alfabetização e Linguagem, ofertada pela Professora Doutora Vera Aparecida de Lucas Freitas, minha atual orientadora. Desde o início a Professora Vera também foi extremamente solícita e atenciosa, sempre disposta a ajudar. Comentei, em um de nossos primeiros encontros, sobre o meu interesse pelas questões de gênero e sexualidade, sendo muito incentivada por ela a continuar os estudos nessa área. Desta forma, pensamos e iniciamos, em conjunto, nossa pesquisa sobre as *Questões de Gênero na Literatura Infantil*. Posteriormente, no segundo semestre de 2016, me tornei orientanda de Projeto 5 da Professora Vera, dando continuidade à nossa pesquisa e resultando no presente trabalho.

Eu só vim a ter contato com questões tão importantes como essas já na adolescência, uma vez que eu venho de uma família mais tradicional, pelo fato de os meus pais terem recebido uma formação mais conservadora, então eram esses assuntos praticamente proibidos em casa durante a minha infância. É importante considerar, portanto, que a sociedade de hoje já não é a mesma de algumas décadas atrás, as crianças atuais têm muito mais contato com o mundo – até por meio das tecnologias – do que tínhamos há alguns anos, não há motivos para privá-las dos assuntos a respeito de gênero nas escolas.

PARTE II - PESQUISA

1 - APRESENTAÇÃO DO TEMA

Introdução

Este trabalho apresenta-se como um desdobramento da pesquisa intitulada *Literatura e Educação: A questão de gênero nos livros de Literatura Infantil da Caixa de Leitura Complementar do MEC*, realizada por Freitas (2016) para efeitos de licença capacitação, da qual participei como aluna de projeto 3 e posteriormente como orientanda de Projeto 5. Esta investigação busca compreender o quanto e como a literatura infantil trata a questão de gênero nos livros da Caixa de Leituras Complementares do Ministério da Educação - MEC para o Ciclo de Alfabetização. A pesquisa é complementada por relatos coletados em situações reais na escola onde eu, como aluna de pedagogia, realizei meu estágio.

A escola em questão é da rede privada de ensino e possui Unidades em diversas regiões do Distrito Federal, tendo sido utilizada, para as observações, a Unidade da Asa Norte, na qual funcionam a Educação Infantil e Ensino Fundamental I, atendendo cerca de 300 alunos, somados os dois turnos.

O principal objetivo da pesquisa é analisar de que maneira as questões de gênero são retratadas no conjunto de livros dos *Acervos Complementares - alfabetização e letramento nas diferentes áreas do conhecimento*. Traçado esse objetivo geral, busca-se verificar se há disponibilidade de materiais de linguagem acessível e de fácil entendimento acerca do assunto das questões de gênero e sexualidade. Como desdobramento do objetivo geral, buscamos compreender de que maneira são abordados assuntos como sexismo, homofobia, heteronormatividade na literatura infantil; e, ainda, investigar se o material disponível é de fato utilizado - em caso positivo, de que forma é utilizado - em sala de aula pelos profissionais da área.

Partindo do ponto de vista de que o espaço escolar é um lócus formador de opiniões, admite-se que é necessário discutir questões relativas ao cotidiano dos alunos. Assim, é pertinente que as discussões acerca das questões de gênero permeiem o ambiente social que é a escola, uma vez que desde cedo as crianças já têm um contato com determinados conceitos sobre o que “é de menino” e o que “é de menina” – definições estas sexistas e por vezes

machistas. Há, na sociedade, uma forte ideologia de gênero sendo disseminada de geração em geração e esta ideologia é, em muitos casos, apenas aceita, em vez de refletida e questionada. Desta forma, buscou-se levantar um diálogo sobre tais questões, questionando de que maneira a literatura infantil as retrata.

2 - PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Introdução

Este trabalho segue um enfoque de pesquisa qualitativa, caracterizando-se como de caráter exploratório. A pesquisa qualitativa e exploratória foi escolhida como fundamento teórico metodológico a ser utilizado, uma vez observada a necessidade de se investigar o fenômeno da perspectiva de sujeitos envolvidos, partindo de uma realidade social. A pesquisa qualitativa não tem como objetivo primeiro a quantificação de dados, que podem, entretanto, serem demonstrados por meio de gráficos para ilustrar a distribuição do fenômeno de que estamos tratando. Desta forma, a pesquisa qualitativa, conforme Flick (2009).

usa o texto como material empírico (ao invés de números) parte da noção da construção social das realidades em estudo, está interessada nas perspectivas dos participantes, em suas práticas do dia a dia e em seu conhecimento cotidiano em relação ao estudo. (p.16)

O caráter exploratório se define devido à necessidade de, segundo Gil (1999), “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores” (p. 16).

Esta pesquisa utiliza dados coletados por mim e por Freitas (2016), tendo a Caixa de Leitura complementar como geradora de dados. Segundo a autora, a coleta de dados foi realizada inicialmente pelo levantamento bibliográfico das obras dos *Acervos Complementares - alfabetização e letramento nas diferentes áreas do conhecimento*, disponibilizados para as escolas públicas de Ensino Fundamental no Ciclo de Alfabetização pelo Ministério da Educação - MEC, de modo a compreender a forma como são distribuídos os conteúdos das obras integrantes dos *Acervos* em questão, investigando o percentual de obras que abordam os temas da diversidade, com foco nas questões de gênero e sexualidade.

Paralelamente ao levantamento bibliográfico da Caixa de Leitura Complementar do MEC, foi realizada por Freitas (2016) uma sondagem em livrarias pela cidade e via internet, buscando demais obras literárias infanto-juvenis, não constantes nos *Acervos*, que tratassem do tema relacionado à pesquisa, de forma a servirem como informações complementares para

enriquecer esta investigação. Com esse fim, utilizei, como aluna pesquisadora do Projeto 3 e 5, orientados por Freitas (2015 e 2016), de relatos pessoais de situações reais sobre o tema, coletados por meio de observação participante em uma escola da rede particular, localizada na Asa Norte, em Brasília, em que fui estagiária. Além disso, foram coletados por Freitas (2016) depoimentos de professores de escolas da rede pública de ensino do Distrito Federal.

Como último instrumento de coleta tentou-se aplicar questionários com professores das redes particular e pública, buscando conhecer o seu ponto de vista e opiniões a respeito do assunto em questão, entender como estes trabalham as questões em sua prática docente para, assim, complementar a pesquisa com diferentes perspectivas. Entretanto, a adesão foi mínima devido à delicadeza do assunto, à polêmica causada a respeito e ao consequente receio em expor as opiniões pessoais. Tal fato se verifica, por exemplo, na reportagem da Revista Nova Escola, de autoria de Annunziato (2016, p. 57 – 59) (Figura 1), que traz casos de professores silenciados e reprimidos por levantarem debates e questionamentos acerca das questões de gênero.



Figura 1: Professores silenciados
 Fonte: Revista Nova Escola, ano 31, agosto de 2016, (p. 57, 58, 59).

Para exemplificar, são retratados aqui três casos, o de Gabriela Viola, Paulo Cesar Ramos e Deneir de Jesus. O primeiro caso é o de uma professora afastada de seu cargo por uma semana; o segundo demitido; e o terceiro, notificado extrajudicialmente por uma deputada distrital. O que os três casos têm em comum é o fato de todos os professores em questão terem realizado indagações acerca de política e gênero e levarem punições por sua postura ser considerada inadequada. Apesar de se observar, atualmente, um debate muito mais

aberto acerca dessas questões do que havia algumas décadas atrás, nota-se que ainda há um grande silenciamento dos professores, o que acaba por calá-los e limitar sua liberdade de ensinar, considerando a realidade da sociedade em que vivemos.

Segundo o autor citado, “No centro das polêmicas estão movimentos conservadores que visam banir das escolas discussões sobre política e gênero” (p. 58), em que os pais muitas vezes chegam a extremos na busca de definir os valores morais repassados a seus filhos, não aceitando os diferentes princípios de organização entre escola e família e negando o projeto da escola, reconhecido pela própria comunidade escolar, que abrange políticas públicas decididas democraticamente. É importante, portanto, que haja um diálogo aberto entre a equipe de gestão da escola com a comunidade a respeito das finalidades da instituição e da importância desta para a formação de cidadãos, garantindo ao docente pluralismo e liberdade de ensinar e aprender, sem intimidações, dentro das limitações de faixa etária dos alunos e respeitando a linha tênue entre transmissão de conhecimento e doutrinação.

Diversidade, heterogeneidade, gênero e identidade

Para se discutir gênero, é necessário que antes se defina o que vem a ser este, traçando um paralelo com a ideia de sexo. Tais conceitos não são complementares, tampouco equivalentes. Sexo biológico é a primeira manifestação de identidade do ser, refere-se a características mensuráveis, como hormônios, cromossomos e órgãos, distinguindo fêmeas (possuem ovários, vagina e cromossomo XX), machos (possuem testículos, pênis e cromossomos XY) e hermafroditas (combinação dos dois anteriores). É importante salientar que sexo não define gênero, sendo este um conceito mais subjetivo, social e comportamental.

Para ilustrar o conceito de gênero, que defendemos ser um conceito subjetivo, temos o exemplo do garoto Romeo, apresentado na reportagem da Revista Nova Escola, por Soares (2015, p. 24-31), que, aos 5 anos de idade, demonstrou preferência por vestidos em oposição às roupas masculinas, por se sentir bem usando as vestes femininas e não as outras. A forma de se vestir desse aluno gerou polêmicas e controvérsias sendo, por muitos, considerada imprópria, com o argumento de que ele deveria se vestir conforme seu sexo, e não de acordo com o modo de vestir do sexo oposto, além de alegações de que vestidos foram feitos apenas para o sexo feminino.



Figura 2: Vamos falar sobre ele?

Fonte Revista Nova Escola, ano 30, fevereiro de 2015. (Capa)

Relações de gênero e o trabalho docente

Sayão (2005) escreveu sobre as relações de gênero e o trabalho docente na educação infantil e exemplificou que “o conceito de gênero descreve o que é socialmente construído e é utilizado em contraposição ao sexo que está circunscrito ao biológico. Nessa compreensão, gênero distingue-se de corpo. Não se refere ao corpo biológico, natural.” (p. 54). Para esta autora, gênero é uma construção que se forma no decorrer da vida, pois é em diferentes momentos e práticas sociais que o indivíduo se constitui como homem ou mulher, num processo que nunca se finaliza ou se dá por completo. Em nossas práticas sociais, desde o nascimento, somos influenciados por modelos de comportamentos e mecanismos que nos mostram e ensinam a maneira como devemos viver e nos expressar. Entre esses comportamentos ditados socialmente, estão inclusos o exercício da sexualidade e a expressão de gênero, frequentemente voltados exclusivamente ao modelo heteronormativo, que confere normalidade apenas às relações heterossexuais e condena todas as outras possibilidades de relações que fogem à dicotomia entre homem e mulher. É nesse contexto que a palavra

“gênero”, por meio das lutas de movimentos feministas, passa a perder seu caráter de definição sexual (macho ou fêmea) para ser problematizada e adquire uma conotação crítica e questionadora sobre os papéis sociais atribuídos a homens e mulheres.

Dessa forma, conforme Souza (2014, p. 58), “não basta nascer mulher e portar um determinado sexo, como já dizia Simone de Beauvoir. Os significados sobre o que podem ser mulheres e homens, feminilidades e masculinidades vão sendo construídos e configuram nossas identidades e relações ao longo de nossas vidas”.

Concepções sobre criança e infância

Os conceitos de criança e infância são muito subjetivos, variando de acordo com o tempo e o espaço, não sendo, assim, possível determinar uma única e restrita definição. Desta forma, é importante que se observem diferentes concepções, sob diversos olhares. Para a psicologia, por exemplo, a infância é um período de preparação para a vida adulta, como afirmam Mendonça e Clemente (p. 2), “(...) as crianças são vistas como seres diferentes dos adultos, que precisam ser preparadas para esta outra fase da vida”; entretanto, para a fenomenologia, a criança é um ser no mundo assim como os adultos, não é um ser incompleto, o que se afirma em Freitas, J. (2015, p. 37) “idade adulta e infância não são fenômenos separados, sem relação ou sem campo comum (...). A vida infantil não é nem um anúncio ou preparo para o mundo adulto, nem tampouco é algo de outra ordem com uma natureza própria”, portanto seria importante se entender o olhar da própria criança, e não o de um adulto sobre ela.

Para Fernandes e Kuhlmann Júnior (2004)

a palavra infância evoca um período da vida humana. No limite da significação, o período da palavra inarticulada, o período que poderíamos chamar da construção/apropriação de um sistema pessoal de comunicação, de signos e sinais destinados a fazer-se ouvir. O vocábulo criança, por sua vez, indica uma realidade psicobiológica referenciada ao indivíduo. (p. 16)

Desta forma, estes autores diferenciam **infância** como sendo um período da vida, enquanto a definição de **criança** estaria ligada a fatores psíquicos e biológicos.

3 - A PESQUISA

Introdução

Neste capítulo será exposto como foram gerados os registros e informações que constituíram o corpo desta pesquisa, que foram coletados das seguintes fontes: (1) obras da *Caixa de Leitura Complementar* do MEC distribuída às escolas da rede pública nacional, (2) relatos recolhidos em situações reais de interação. Tais registros e informações, após analisados, compõem os dados desta pesquisa.

Os Acervos como geradores de parte de dados para esta pesquisa

De acordo com Freitas (2016) no período de 2013 a 2015, o Ministério da Educação – MEC distribuiu às escolas públicas uma caixa contendo um conjunto de 180 livros de literatura infanto-juvenil destinado a auxiliar o docente de classes de alfabetização a planejar o seu cotidiano, contando com o suporte dessas obras.

O objetivo do programa de distribuição dos *Acervos Complementares – alfabetização e letramento nas diferentes áreas do conhecimento* foi o de enriquecer as aulas desse período da jornada escolar do aluno e proporcionar, de forma lúdica, reflexões em sala fundamentadas nos conteúdos voltados para o desenvolvimento das competências com vistas ao letramento escolar, autonomia e formação para a vida, valendo-se de textos literários selecionados para esse fim (p. 3).

Freitas (2016, p. 4) argumenta que com a implantação do Ensino Fundamental de nove anos, muitas medidas foram tomadas para garantir o letramento e a alfabetização da criança nos três primeiros anos de escolarização, com o propósito de desenvolver sua autonomia, sua competência leitora e escritora e sua formação para a vida em sociedade.

De forma qualificada e progressiva, o programa vem contribuindo para fornecer as condições básicas necessárias para a inserção do estudante noviço na sociedade letrada, garantindo sua plena alfabetização, letramento e numeramento,

especialmente no que diz respeito às demandas dos primeiros anos, o Ciclo, estipulados em três, e desenhados em bloco e sem interrupção, de acordo com o Conselho Nacional de Educação (Resolução nº 7 de 14 de dezembro de 2010).

Ao final dessa etapa, é esperado pelos professores que a criança saiba ler e escrever, além de dominar as noções básicas de outras áreas do saber. É esperado que, ao final do 3º ano, ela já leia e escreva textos curtos e simples, compatíveis com seu ano escolar e sua idade.

É do conhecimento de professores que o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e o Programa Nacional da Biblioteca da Escola (PNBE) são programas que disponibilizam livros como recursos didáticos destinados, o primeiro ao ensino do sistema de escrita alfabético e conhecimentos de outras áreas, e, o segundo, para o incentivo à leitura, com a distribuição de acervos de obras literárias (contos, poemas, cantigas, parlendas, adivinhas, HQ) para uso coletivo e individual dos alunos, em casa e em sala de aula. (Cf. Freitas, 2016, p. 4)

É consenso dizer, conforme afirma Freitas (2016, p. 4-5),

que o grande desafio dos professores é o de formar a criança não somente para realizar tarefas escolares e laborais, mas antes de tudo para a vida em comunidade. Os *Acervos Complementares*, não por acaso denominam-se complementares porque foram concebidos com o propósito de completar as ações pedagógicas do professor alfabetizador. As obras dos *Acervos* atuam não apenas como recurso para suprir as atividades relacionadas à alfabetização e ao letramento, mas também para preencher funções outras na formação e no desenvolvimento social e cultural da criança. As obras disponibilizadas são produtos culturais muito bem elaborados, que abordam temáticas diversificadas de linguagem, gêneros textuais variados, ilustradas com imagens muito bem produzidas por autores e ilustradores de vários países e regiões do Brasil, com o objetivo de auxiliar a criança a entender o mundo pela via que as letras e as imagens proporcionam.

A autora ainda pondera que,

por ter a literatura o papel de despertar na criança o desejo de saber mais, propicia experiências culturais únicas, que de outra forma ela não poderia vivenciar, estimula e contribui para a formação de jovens leitores. O desenvolvimento de atitudes de cooperação e solidariedade incentiva o sentimento de cidadania e o respeito às diferenças. O objetivo dos livros é, portanto, apoiar o docente em sua prática pedagógica com vistas à formação que ultrapasse os muros da escola e que seja conectada com a vida nos grupos familiar e social.

Analisando os *Acervos*, percebemos que estão divididos em três grandes blocos, sendo de 60 livros cada um, destinados a trabalhar “a dimensão formativa da educação” em cada ano do Ciclo, focalizando *Ciências Humanas e Temas Transversais*; *Ciências da Natureza e Matemática*; e *Linguagem e Códigos*.

Com o objetivo de tornar a organização dos temas mais adequada aos propósitos da pesquisa, Freitas e colaboradora (2016), durante a coleta, optaram por uma distribuição diferente da dos *Acervos*. Essa distribuição encontra-se organizada por ano, em planilhas separadas. Os registros e informações foram tratados e demonstrados por gráficos e tabelas, que serão apresentados na análise e discussão dos dados (próximo capítulo) e tem o único objetivo de ilustrar a distribuição dos livros por tema.

Diversidade e gênero no Currículo em Movimento da Educação Básica - SEEDF

Conforme Freitas (2016, p. 5-7), a Educação Básica está no centro das discussões no cenário educacional brasileiro no sentido de assegurar o direito de educação às crianças. De acordo com o art. 3º - Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCNEB) – Resolução nº 4 de 13 de julho de 2010, citada em Freitas (2016):

As Diretrizes Curriculares Nacionais específicas para as etapas e modalidades da Educação Básica devem evidenciar o seu papel de indicador de opções políticas, sociais, culturais, educacionais, e a função da educação, na sua relação com um projeto de Nação, tendo como referência os objetivos constitucionais, fundamentando-se na cidadania e na dignidade da pessoa, o que pressupõe **igualdade**,

liberdade, pluralidade, diversidade, respeito, justiça social, solidariedade e sustentabilidade. (grifos meus) (p. 7).

O que se espera, portanto, é que a partir dessa resolução, com objetivos de desenvolver a cidadania, a criança tenha seus direitos garantidos durante sua formação. A proposta curricular da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) para o Ensino Fundamental, que abrange as diferentes áreas do conhecimento, diz que as ações didático-pedagógicas devem se apoiar em eixos transversais que envolvam: Educação para a Diversidade, Cidadania, Direitos Humanos e Educação para a Sustentabilidade.

Nesse sentido, os *Acervos* disponibilizados nas escolas funcionam como um material escolar e cultural e ainda como uma alternativa destinada ao letramento escolar e à alfabetização, que envolve a formação da criança, respeitando e valorizando a riqueza das diferenças sociais, culturais, linguísticas, de identidade, de gênero e orientação sexual.

Assim, os *Acervos* e o *Currículo em Movimento* da SEEDF se complementam para mostrar um dos propósitos deste trabalho, que é o de observar o “quanto” e “como” contemplam a diversidade, especificamente no que tange questões de gênero e orientação sexual.

O paralelo traçado entre o tema da pesquisa, o Currículo e os *Acervos* justifica-se pela relevância do tema, que tem sido motivo de grandes polêmicas na sociedade. Como aluna do curso de pedagogia e futura professora alfabetizadora e educadora, é muito importante que eu me interesse por um tema para as reflexões em sala de aula, no sentido de compreender melhor o papel da literatura nesse espaço.

Demonstração infográfica dos dados obtidos

A seguir, são apresentados os dados resultantes do levantamento das obras da Caixa de Leitura Complementar do MEC distribuída às escolas da rede pública, demonstrados por meio de representações infográficas, que foram utilizadas tão-somente para ilustrar as informações e dar embasamento à pesquisa.

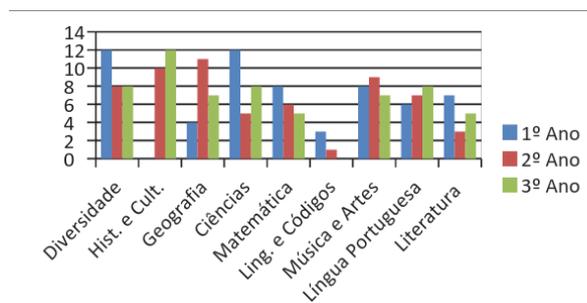
Analisando as tabelas e suas representações em gráficos, observamos que a distribuição das obras literárias por área do conhecimento, em um primeiro momento, aparenta ser equilibrada entre as diferentes áreas e anos do Ciclo de Alfabetização, conforme Tabela 1 e Gráfico 1:

Tabela 1: Distribuição, por ano do Ciclo de Alfabetização, de obras literárias do Caixa de Leitura Complementar por área do conhecimento

Área do conhecimento	1º Ano	2º Ano	3º Ano
Temas Transversais, Diversidade de gênero, raça, religião, política, desconstrução do preconceito.	12	8	8
História e Cultura	0	10	12
Geografia	4	11	7
Ciências	12	5	8
Matemática	8	6	5
Linguagem e Códigos	3	1	0
Música e Artes	8	9	7
Língua Portuguesa	6	7	8
Literatura	7	3	5
Totais	60	60	60

Fonte: Freitas (jun, 2016)

Gráfico 1 : Distribuição, por ano do Ciclo de Alfabetização, de obras literárias da Caixa de Leitura Complementar, por área do conhecimento.



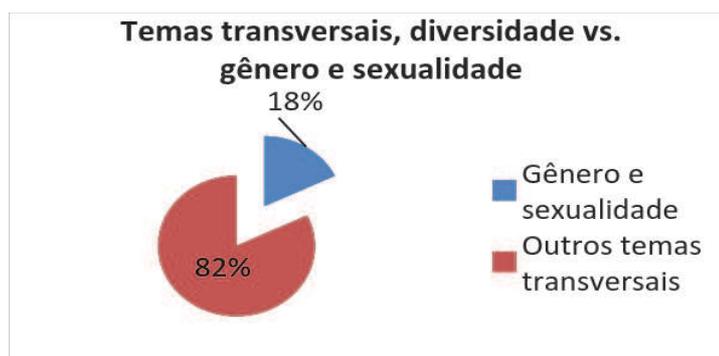
Fonte: Freitas (jun, 2016)

Entretanto, ao se observar o grupo dos Temas Transversais, este possui seus desdobramentos, sendo eles: gênero e sexualidade, raça, religião, política, convivência em sociedade. O nosso objeto de estudo e foco de pesquisa é gênero e sexualidade, portanto, na tabela e gráfico a seguir, destaca-se, dentro do conjunto de Temas Transversais, a quantidade de obras literárias correspondentes a esse assunto em relação às outras temáticas de diversidade (raça, religião, política...). Observa-se que há uma quantidade muito pequena, apenas 5 livros em um universo de 28, ou seja, apenas 18% das obras.

Tabela 2: Temas transversais, diversidade vs. gênero e sexualidade

Assuntos	Temas transversais, diversidade
Gênero e sexualidade	5
Outros temas transversais: raça, religião, política, convivência em sociedade,	23
Total	28

Fonte: Freitas (jun, 2016)

Gráfico 2: Temas transversais, diversidade vs. gênero e sexualidade

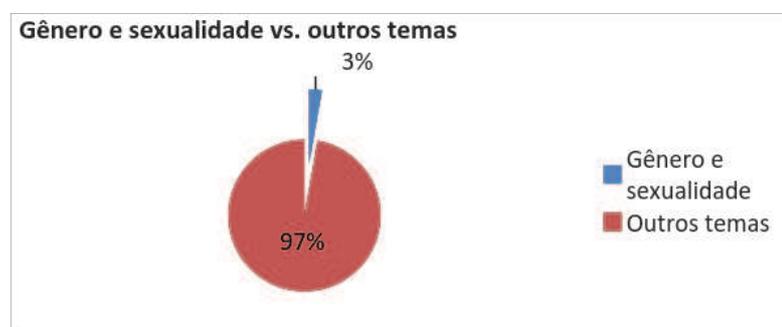
Fonte: Freitas (jun, 2016)

Não obstante, admitindo-se que a proporção de 5 obras sobre gênero para 23 sobre outras temáticas (somando 28 obras dos Temas Transversais) já é uma quantidade insatisfatória. Realizamos, ainda, uma comparação entre esses 5 livros para um total de 180 obras disponibilizadas nos *Acervos*, obtendo uma porcentagem de apenas 3% .

Tabela 3: Gênero e sexualidade no acervo total vs. outros temas

Gênero e sexualidade vs. outros temas	
Gênero e sexualidade	5
Outros temas	175
Total	180

Fonte: Freitas (jun, 2016)

Gráfico 3: Gênero e sexualidade no acervo total

Fonte: Freitas (jun, 2016)

Nota-se, portanto, que a quantidade de obras literárias sobre o tema em questão disponibilizadas pelo MEC na *Caixa de Leitura Complementar* é insatisfatória nesse item. Esse número tão pequeno reflete a pouca visibilidade dada ao assunto e certa desconsideração quanto à sua relevância em sala de aula.

Análise do conteúdo dos livros constantes nos Acervos

Após o levantamento literário realizado por Freitas (2016) e análise - esta realizada por mim, enquanto pesquisadora - de cada uma das obras, encontramos, no Acervo do 1º Ano, as seguintes obras:

1. Título: *Lilás, uma menina diferente*.
 Autora: Mary E. Whitcomb
 Ilustradora: Tara Colahan King
 Tradução: Charles Cosac

Análise:

Whitcomb (2011) apresenta a história de uma garota com gostos e comportamentos fora dos padrões aos quais estamos habituados, rompendo com preconceitos e estimulando o respeito e a valorização das diferenças. Com linguagem adequada à faixa etária do público ao qual é destinada, e ilustrações convidativas, provoca importantes reflexões sobre o quanto procuramos, a todo momento, adequar nosso comportamento ao que é socialmente preestabelecido. O livro, ao apresentar uma garota que foge ao convencional, rompe com a idealização do feminino e aborda questões de diferença e de identidade. Após a leitura, é instigada uma discussão sobre as representações culturais do que é ser menina ou menino,

mostrando que é possível ser menina para além dos padrões socialmente impostos e a possibilidade de uma feminilidade que vai adiante das condutas culturalmente designadas como femininas, diferentes daquele modelo preestabelecido. A identidade de gênero da protagonista foge do que é idealizado como um comportamento “correto” para as meninas.

2. Título: *O menino Nito: então, homem chora ou não?*

Autora: Sônia Rosa

Ilustrador: Victor Tavares

Análise:

A obra de Rosa (2008) tem como protagonista Nito, um garoto que chora por qualquer motivo e apresenta o comportamento repreensivo de seu pai, que o censura repetidamente dizendo que homem não deve chorar. O livro problematiza diversas questões, entre elas, da mesma forma que o livro anterior analisado, a questão das construções das identidades de gênero e do que é adequado para a conduta de um menino e de uma menina. As falas do pai do garoto, ao repreender o choro, reafirmam a forma culturalmente estabelecida da masculinidade desejada. É possível notar, ainda, uma relação de inferiorização do feminino, reforçando o modelo de um padrão masculino dominante, uma vez ligada à ideia de fragilidade à identidade feminina. As diferenças entre o que é considerado “de mulher” e “de homem” vêm marcadas, por exemplo, na fala “Você já está virando um rapazinho (...), homem que é homem não chora! Você é macho!” (p. 5), em que fica implícita a afirmação de que um indivíduo homem e “macho” não tem permissão para se utilizar das atribuições ditas femininas. Cabe a reflexão de que o choro, assim como outras emoções, é uma forma de expressão do indivíduo como ser humano, e não deveria ser restrito e exclusivo de determinado sexo ou gênero.

3. Título: *Carta do tesouro para ser lida às crianças*

Autora: Ana Miranda

Ilustradora: Ana Miranda

Análise:

O livro *Carta do tesouro para ser lida às crianças* (MIRANDA, 2013) também discute questões de diferença e de identidade, uma vez que a autora traz temas atuais e importantes, como a compreensão e aceitação das particularidades de cada um, valorizando a

criança e as diferenças individuais. As discussões de gênero nessa obra são mais sutis, mas ainda é possível levantá-las, observando, por exemplo, as ilustrações. Em diversos momentos verifica-se a utilização de artefatos culturais que caracterizam diferentes identidades e gêneros, como a representação de personagens femininas segurando bonecas, com um jarro na cabeça, costurando ou caracterizadas com vestimentas de bailarina; ou personagens tocando instrumentos musicais, em que não é possível determinar seu gênero. Pode-se problematizar a pluralidade de identidades femininas, além das diferentes formas de ser menina ou menino. A obra tem seu foco, principalmente, no respeito às diferenças, quaisquer que sejam elas.

4. Título: *O grande e maravilhoso livro das famílias*

Autora: Mary Hoffman

Ilustradora: Ros Asquith

Análise:

No livro *O grande e maravilhoso livro das famílias* (HOFFMAN, 2010), a autora também traz a problematização das questões de gênero, identidade e diversidade. São apresentadas as diversas configurações familiares e as várias mudanças que têm ocorrido no conceito de família, seja em seu âmbito cultural, econômico, religioso, étnico ou social. Para dar apoio ao texto, que já possui linguagem adequada às crianças para quem se destina, a obra conta com ilustrações coloridas e chamativas, que contribuem para o levantamento de questões. Hoffman (2010), logo no início da obra, instiga um debate sobre a identidade de gênero a partir das várias configurações familiares, quando afirma que “algumas crianças têm duas mães ou dois pais” (p. 4). Outro fato interessante é que a autora mostra a quebra que vem ocorrendo em nossa sociedade das atribuições e práticas sociais que cabem exclusivamente a cada um dos gêneros ao ilustrar uma mulher saindo para trabalhar enquanto o homem fica em casa para cuidar dos filhos, ou uma mulher em uma posição de liderança frente a um grupo de pessoas e um homem exercendo o papel de cozinheiro; rompendo com os padrões idealizados do que seria o papel de cada um dentro do meio social.

Realizada a análise do Acervo do 1º Ano e localizados os quatro livros citados acima, partimos para a busca literária do próximo Ano. Infelizmente, no Acervo do 2º Ano não foi encontrada nenhuma obra que contemplasse o tema da pesquisa. Lamentamos o fato de não haver obras disponíveis para os três Anos do Ciclo de Alfabetização porque seria interessante

que todos os *Acervos* abrangessem todos os Temas Transversais, de modo a dar continuidade e suporte ao trabalho docente em sua abordagem da diversidade com os alunos. De qualquer forma, dando continuidade à pesquisa, a próxima análise foi do Acervo do 3º Ano.

No Acervo do 3º Ano foi encontrada a indicação de apenas um livro:

5. Título: *O livro das combinações: quando um país joga junto*

Autor: Mario Rui Feliciani

Ilustrador: Galvão

Análise:

Neste livro, Feliciani (2012) faz uma comparação da nossa legislação às regras de um jogo, que devem ser combinadas antes de se iniciar a brincadeira. Desta forma, é apresentada de forma lúdica a ideia de Constituição pelo autor. A obra propicia a discussão sobre o convívio em sociedade e estimula a tolerância política, cultural, social e religiosa e a liberdade de expressão, além de combater o racismo e incentivar atitudes que promovam a igualdade entre homens e mulheres.

Apresentação e análise dos relatos coletados

Nesta parte do trabalho, uma vez obtidos e analisados os dados da coleta realizada na *Caixa de Leitura Complementar* do MEC distribuída às escolas da rede pública, apresentaremos, neste segundo momento, a segunda parte da pesquisa em que constam relatos de diálogos e situações reais, coletados por mim em uma escola da Asa Norte durante observação participante e interações, e subsequente análise de cada um destes relatos, relacionando-os com o tema de pesquisa. Estão organizados por ordem cronológica de acontecimento; todos os nomes são fictícios, de forma a manter o sigilo e a privacidade dos indivíduos citados, e eu estou identificada como “Observadora”.

Relato 1

Data: 15/02/2016

Observando um mural onde estavam expostas as atividades de alunos de cinco anos de idade sobre os diversos tipos de família, eu questioneei à professora, identificada como Catarina, o porquê de não haver nenhuma representação de famílias homoafetivas, enquanto

estavam representadas famílias de pais divorciados, mães solteiras, de crianças criadas pelos avós etc. Tivemos o seguinte diálogo:

Observadora: Mas, Catarina, se foi exposto à turma que existem diferentes tipos de famílias e que estas podem ser formadas de diversas formas diferentes do modelo tradicional, por que não mostrar a eles que existem também casais do mesmo sexo? Que às vezes duas mulheres ou dois homens também podem se apaixonar?

Catarina: Ah! Isa! mas é que é muito complicado, né?!...

Observadora: Não necessariamente, não precisa ser complicado.

Catarina: Mas é, sim. Porque eles não entendem, os pais podem não gostar, é difícil.

Minha reflexão: É possível notar uma resistência por parte da professora quanto ao debate de gênero com crianças. Isso decorre, possivelmente, por causa do preconceito e tabu socialmente criados ao redor dessas questões. Entretanto, vale recorrer às obras dos *Acervos*, já analisadas neste trabalho, que, apesar de se apresentarem em uma quantidade muito pequena, são muito colaborativas com a prática docente. É possível, para o professor, desmistificar e trabalhar a temática sem complicações, de forma natural e didático-pedagógica com as crianças, rompendo com a ideia de que o assunto não deve ser abordado por não se adequar à faixa etária em questão.

Relato 2:

Data: 19/02/2016

Alguns dias após o acontecimento do relato anterior, durante o intervalo, enquanto toda a equipe docente estava reunida na sala dos professores, a professora do terceiro ano - turma de 8 anos de idade - comentou com os colegas que alguns alunos estavam xingando uns aos outros, trazendo apelidos como "veado", "bichinha" etc. Aproveitei a oportunidade para questionar a ela por que, então, não trabalhar o tema em sala de aula, levantando questões sobre esse assunto com a turma. Ela me respondeu que:

Karla: Mas não dá, é muito difícil.

Observadora: Por que é difícil, Karla?

Karla: Ah! É um tema delicado, os pais muitas vezes não gostam e depois vêm aqui na escola reclamar com a Direção.... Sabe como é, a gente às vezes não tem muita autonomia. A escola

privada, como empresa, tem as suas regras. Se fosse na rede pública a gente teria mais liberdade pra falar o que quisesse, a família não reclama, nem os nossos chefes. Aqui, somos reféns dos pais, se falar algo que eles não gostem, vem Deus e o mundo nos apedrejar. É complicado.

Minha reflexão: A fala da professora no relato apresentado corrobora o fato retratado anteriormente neste trabalho sobre professores silenciados. O receio de uma recepção negativa por parte dos pais, a respeito do diálogo sobre gênero em ambiente escolar, acaba por limitar a liberdade do docente. Outro fato interessante a se observar é a comparação da escola da rede privada de ensino com a de uma escola particular e a ligação direta à falta de autonomia e liberdade desta última. Caso houvesse, por exemplo, um diálogo maior entre escola e família a respeito das finalidades da instituição e um Projeto Político Pedagógico (PPP) que abrangesse os temas transversais e diversidade, provavelmente os educadores se sentiriam mais à vontade para trabalhar as questões de sexo, gênero e identidade com suas turmas, sem a necessidade de construção de barreiras.

Relato 3:

Data: 11/03/2016

Um grupo de estagiárias da escola, durante um intervalo, estava reunido na cozinha conversando sobre as aulas de balé que ocorreram mais cedo naquele dia e destacaram um aluno, único menino da turma, que participava das aulas com o restante das meninas.

Dirce: Acho uma gracinha elas dançando, mas quem é aquele menino? Ele é tão engraçadinho, o que ele tá fazendo na turma das meninas?

Djanira: É o João, ele pediu pra mãe dele colocá-lo no balé também. A mãe apoiou, ela disse que prefere isso ao judô. [João tem 2 anos de idade]

Dirce: Ai, gente, credo! Eu não ia gostar que meu filho fizesse balé, ia parecer menininha.

Observadora: Mas o que tem de errado? Só porque ele é um menino não pode fazer uma dança? Quem disse que só as meninas podem? E, mesmo que fique "parecendo menina", qual seria o problema disso? Ser menina não é um defeito, não é como se alguém fosse inferiorizado.

Djanira: É, a Isa tá certa. Além de que foi ele mesmo quem pediu pra mãe, deixa ele ser feliz.

Dirce: Não, eu entendo vocês. Tem muitos bailarinos ótimos por aí, mas imagina só...

Tadinho, ele deve sofrer um preconceito, vai sofrer muito *bullying* ainda por causa disso.

Djanira: Ah, nem é, eu acho que não. As meninas fazem a aula com ele normalmente, ninguém tem ainda essa maldade, elas não têm a malícia de fazer piada com isso.

Observadora: Pois é, e é nisso que eu acho que devíamos trabalhar. Pra não deixar crescerem esses preconceitos e estereótipos neles. Se eles não têm essa visão distorcida agora, por que têm que criá-la à medida que crescem?

Dirce: Não sei não, gente. Isso é muito estranho de se trabalhar com crianças.

Minha reflexão: No caso relatado, observa-se uma situação diferente das ocorridas anteriormente. Neste, as próprias crianças são quem rompem com estereótipos e padrões de feminino e masculino. São crianças ainda muito pequenas, por volta de dois anos de idade, que lidam muito bem com essa quebra de padrões, talvez por ainda não terem aprendido e interiorizado os modelos sociais aos quais estamos normalmente habituados. Observa-se uma criança do sexo masculino se interessando e realizando atividades que são normatizadas como exclusivas do sexo feminino e isto não é problema para ele, tampouco para o restante da turma. Outro aspecto a se constatar nessa situação é o trabalho de desconstrução realizado pela própria família do aluno, que diz preferir que ele faça as aulas de balé às de judô. Isso foi um choque para a estagiária. Logo, percebe-se que, por vezes, a própria equipe pedagógica reforça os estereótipos e o preconceito. Seria interessante que houvesse um trabalho com os livros paradidáticos, inclusive os constantes nos *Acervos*, como uma forma de aprendizado não só para as crianças, mas também para os adultos - pais, professores e toda a comunidade escolar – porque ficam desamparados diante de situações como esta, em que é necessário que haja revisão de conceitos.

Relato 4:

Data: 22/04/2016

Em uma turma de alunos de 5 anos de idade, antes do horário de início da aula, Patrícia, mãe de um dos alunos, entrou em sala para distribuir aos colegas do filho saquinhas de figurinhas adesivas – de álbuns colecionáveis –, algumas dos *transformers*, outras da novela Carrossel. Miguel, filho de Patrícia, escolhia qual dos temas entregaria para cada um dos colegas. Ao pegar as figurinhas dos *transformers* para entregar à colega Eduarda, a mãe em questão relutou e pediu que ele a entregasse as do Carrossel. O diálogo se seguiu:

Patrícia: Mas, filho, esse é de menino. Não dá esse pra ela, não.

Miguel: Mãe, ela não gosta de Carrossel, vai ter que ser de *transformers* mesmo.

Eduarda: É, tia, eu não acho Carrossel legal.

Patrícia: Mas Carrossel é que é de menina, *transformers* é só de menino.

Eduarda: Então eu não quero.

Miguel: Desculpa, Eduarda, não vai dar então. Você não vai poder ganhar figurinha, essas aqui são só pros meninos.

Patrícia: É, amanhã a gente compra uma do *Monster High* então, filho, que é de menina e ela gosta.

Eduarda: Mas eu posso pegar a dos *transformers* mesmo, tia! Não tem problema!

Patrícia: Não, Duda, amanhã eu trago uma de menininha pra você, tá bom? Deixa essas pros meninos, eles é que gostam dessas coisas.

Minha reflexão: Mais uma vez, percebe-se uma padronização do que “é de menino” ou “é de menina” trazida por um adulto, ao passo que as crianças ainda não possuem essas concepções formadas. No caso relatado, a menina, com apenas cinco anos de idade, se negou a aceitar o que estava sendo imposto a ela com base em seu gênero, ao mesmo tempo em que a mãe do colega se negou a romper modelos preestabelecidos e reconsiderar o pedido da criança. Percebe-se que, tanto a garota quanto o garoto, estavam confortáveis com a situação, não havendo problema algum em gostar das atribuições designadas pela sociedade ao sexo oposto. Quem estava incômoda era a mãe, que permaneceu resistente em aceitar que Eduarda gostasse de algo “de menino”. É importante dar o protagonismo às crianças, deixar que elas escolham o que lhes agrada, que formem suas próprias opiniões conforme seus gostos, sem incitá-las a padrões preestabelecidos. Este caso reforça a importância do diálogo entre escola e família, pois seria interessante que professores e equipe pedagógica trabalhassem conceitos de gênero e identidade com os alunos e dividissem o debate com os pais, visando a fortalecer este comportamento de aceitação e liberdade de expressão, independentemente do que é considerado socialmente adequado.

Relato 5:

Data: 13/05/2016

Na hora da saída, enquanto aguardava a chegada dos pais, uma turma de alunos do

terceiro ano do Ensino Fundamental (todos com aproximadamente 8 anos de idade) discutia por algum desentendimento a respeito da brincadeira do momento. Pedro, um dos alunos, então, disse à colega Marcela que iria pegá-la para “encher de porrada”. A menina rebateu:

Marcela: Não vai, não, que em menina não se bate nem com uma flor.

Pedro: Com flor não bate mesmo não, tem que ser é porrada.

Marcela: A flor você tem é que dar pra gente, de presente.

Pedro: Mas não adianta nada, todas as meninas são chatas mesmo, vão só xingar a gente.

Marcela: Não é não, a minha mãe disse que não é pra eu xingar nem bater em ninguém.

Pedro: Mas menina foi feita pra apanhar. O meu pai mesmo disse isso, que nenhuma vale nada.

Nesse momento, eu, que até então apenas observava o acontecimento, intervi na situação, buscando um diálogo com o aluno, questionando o porquê de ele pensar daquela forma. O aluno estava agitado e não quis continuar a conversa comigo. Pela seriedade da situação e das falas do garoto, levei o ocorrido à Coordenação Pedagógica, que me comunicou que tomaria as medidas cabíveis e, se possível, conversaria com o pai do aluno, mas não quis me dar mais detalhes. Em data posterior, quando questionei à coordenadora sobre esse ocorrido, ela não quis entrar em detalhes e sugeriu que mudássemos de assunto.

Minha reflexão: Neste relato percebe-se um discurso recheado de preconceito, misoginia - ódio e aversão à mulher - e intolerância. No caso de a escola não ter comunicado o ocorrido ao pai e à família do aluno, acreditamos ter havido uma falha muito grave, dada a seriedade do assunto. Entretanto, apenas uma reunião entre os envolvidos ainda não seria suficiente para resolver o caso. A partir do momento em que o aluno reproduz um discurso como este, faz-se necessário uma abordagem pedagógica com toda a turma, visando a uma conscientização das crianças. Isso seria possível com um material paradidático de apoio, disponibilizado à escola, tratando questões de gênero, de diversidade, de respeito à mulher (Lei Maria da Penha), de tolerância. É importante que as crianças tenham acesso a esses materiais e que eles possam ser levados para casa, dando continuidade ao trabalho da escola, para que ele seja utilizado não apenas em sala de aula, mas também nos lares para a conscientização das famílias. Por isso é necessária a disponibilidade de livros que tratem essas temáticas, pois eles facilitam a introdução do assunto, viabilizam o início da conversa porque apresentam uma linguagem de fácil entendimento às crianças e por estabelecerem elo comum entre o ambiente escolar e o

familiar. Salientamos que apenas os livros didáticos também não bastariam para resolver a questão, mas destacamos a sua forte contribuição para a formação das crianças, principalmente quando são utilizados simultaneamente a ações de parceria entre família e escola no processo de desconstrução de preconceitos e aceitação da diversidade, que está estabelecida em nossa sociedade, sendo impossível fechar os olhos para a realidade.

Relato 6:

Data: 03/04/2016

Presenciando um desentendimento entre dois alunos de sete anos de idade, durante o horário do recreio, percebi que o garoto insistia em chamar a colega de “lésbica” e “sapatão”, de forma muito pejorativa. A menina, Bruna, se sentia cada vez mais ofendida e começou a chorar. Eu intervi na situação, questionando ao garoto o porquê de ele chamá-la daqueles nomes, e se ele sabia o sentido daquilo que dizia.

Vitor: Sei, sim. Ela é sapatão, tia, olha esse cabelo dela. Eu ‘tô’ chamando assim porque ela acha que é menino com esse cabelo curtinho. Sapatão é o mesmo que lésbica, é mulher que beija mulher.

Observadora: Mas o que que tem o cabelo dela, Vitor? É curtinho, sim, mas só por isso ela deixa de ser menina? Qual é o problema em uma menina ter cabelo curto?

Vitor: Todo o problema! Não pode, tia, cabelo curto é de menino. E menino que tem cabelo grande é ‘veado’.

Observadora: Não é bem assim, Vitor. Vamos pensar, você acha que é o cabelo que diz o que cada pessoa é? Só pelo cabelo definimos quem é homem ou mulher? Então se eu cortar o meu cabelo, por exemplo, você acha que eu vou deixar de ser uma mulher?

Vitor: Não..., mas não vai ficar bonito.

Observadora: Você pode não achar bonito, mas eu acho. Vamos parar para pensar que a Bruna também pode achar, assim como a mãe dela acha, as amigas dela acham... Eu acho o cabelo dela lindo! E eu acho, inclusive, que é um corte de cabelo lindo para meninas. Então é legal a gente respeitar a opinião de cada um, não é mesmo? Se você não gosta, tudo bem, mas é a sua opinião e não vamos brigar com os colegas por causa disso, combinado?

Vitor: Tudo bem, combinado. Mas eu vou continuar pensando que é coisa de lésbica.

Observadora: Mas e aí, vamos supor então que só pelo cabelo a gente consiga dizer quem é gay, lésbica etc. Sabemos que não é assim, mas vamos fingir, ok? Nesse caso, se eu cortasse o

meu cabelo e namorasse uma mulher, você ia gostar menos de mim?

Vitor: Não, tia, acho que você ia continuar sendo legal.

Observadora: Então, olha aí. Não tem problema alguém gostar de pessoas do mesmo sexo, isso não é motivo para xingamento, não é legal a forma como você está falando e usando essas palavras. “Lésbica”, “gay”, não devem ser usadas como algo ruim. Não foi legal você chamar a Bruna assim porque é algo que ela não é e isso a deixou chateada, mas não devemos usar essas palavras como algo ruim, porque não é ruim ser assim, entende? Mesmo que eu, ou ela, ou qualquer outra pessoa aqui fosse gay, isso não seria problema e nós não seríamos piores ou melhores do que ninguém.

Vitor: Entendi, tia. Eu vou lá pedir desculpas pra ela, tá?

Em seguida o aluno se afastou e foi em direção à colega para se desculpar. Procurei me manter por perto para ouvir como seria o diálogo entre eles após a conversa.

Vitor: Bruna, desculpa, tá? Eu não vou falar mais do seu cabelo, nem que você é lésbica.

Bruna: Tudo bem, mas eu não sou gay, tá?

Vitor: Mas mesmo se você fosse, a tia disse que não pode brigar por causa disso.

Bruna: É mesmo, e também, qual seria o problema? Eu tenho um tio que namora outro homem, eles até moram juntos. Eles se amam muito e os dois são muito legais!

Não consegui ouvir o restante da conversa, mas logo em seguida ambos fizeram as pazes, se abraçaram e seguiram para o parquinho para retomarem as brincadeiras.

Minha reflexão: No último relato coletado, verifica-se, mais uma vez, como alguns comportamentos e características são decisivos para se conferir gênero a alguém. Os conceitos são social e culturalmente moldados, criando estereótipos muito engessados como, por exemplo, a ideia de que cabelo curto é uma atribuição exclusivamente masculina, portanto uma mulher não pode se apropriar de tal penteado, a não ser que ela seja homossexual. A partir das falas do garoto, ainda podemos analisar, além dessas predefinições do que é feminino e masculino, que a ideia de homossexualidade costuma aparecer imediatamente relacionada a algo ruim, carregando uma incumbência de ser negativa e pejorativa. Para se desconstruir essas concepções depreciativas, é importante manter um diálogo aberto e sem tabus, buscando um esclarecimento sobre a diversidade e sobre a identidade de gênero. Assim, acredita-se que os livros dos *Acervos* podem contribuir positivamente para uma abordagem do assunto de forma natural e didática.

PALAVRAS FINAIS

Retomando os objetivos principais deste trabalho, conclui-se que há, sim, um material disponível acerca das questões de gênero, disponibilizado pelo próprio MEC, nos *Acervos*, e que este material disponível é de fácil acesso - podendo ser encontrado facilmente para leitura na íntegra em *sites* de busca pela internet -, possui linguagem acessível e adequada à faixa etária a que se destina e o assunto é muito bem retratado nos livros em que ele é presente. Entretanto, está disponível em uma quantidade e variedade muito pequena. Esperava-se, no início desta pesquisa, que houvesse uma quantidade maior de livros abordando a diversidade, dada a atualidade do assunto. O que se nota é uma certa negligência em relação ao debate e diálogo sobre gênero. Talvez isso se justifique por uma resistência e conservadorismo, infelizmente ainda muito presentes em alguns meios sociais.

Imaginava-se, ainda, que haveria uma abertura maior por parte dos professores em relação ao assunto. Infelizmente, notou-se, por meio dos relatos, que o tema ainda é muito pouco abordado e pouco debatido no ambiente escolar. Isso pode ser devido ao receio de expor seu posicionamento a respeito do assunto. No que diz respeito às entrevistas e questionários, ficamos com uma lacuna, importante parte da pesquisa, que seria a visão dos próprios professores em depoimentos que não obtivemos. Seria interessante sabermos seu ponto de vista, o que pensam sobre, e levantar este diálogo com eles para saber se: (1) há por parte deles um conhecimento das obras constantes na Caixa de Leitura Complementar? (2) se há, gostaríamos também de ter sabido como trabalham com a diversidade em sala, e de entender como eles abordam temas tão polêmicos com os alunos. Porém, ainda que não tenhamos obtido uma resposta diretamente, o que se observa pelos relatos é que ainda há muita resistência em se abrir esse diálogo em um ambiente escolar.

A conclusão deste trabalho tem como objetivo destacar a importância de um diálogo aberto sobre a diversidade, em sua pluralidade. As questões de gênero e suas discussões não são, ou não deveriam ser, exclusivas de determinados grupos e meios; pelo contrário, “gênero” é uma parte constituinte de como os sujeitos constroem suas identidades, portanto é importante que seja discutido em diversas esferas sociais.

Defendemos, portanto, uma escola que construa com o respeito à diversidade, uma escola que seja sensível ao que é diferente.



Figura 5

Fonte: Boucher, Françoize, 2014. (contracapa)



Figura 6

Fonte: Boucher, Françoize, 2014. (p. 13-14)

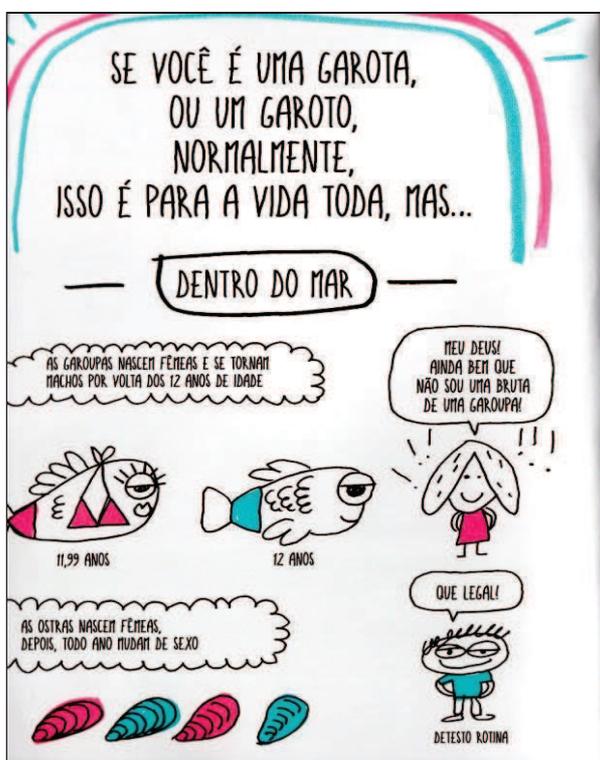


Figura 7

Fonte: Boucher, Françaize, (2014, p. 13)

De acordo com Boucher (2014, p. 13), dentro do mar as coisas ocorrem assim:

Balão 1: “As garoupas nascem fêmeas e se tornam machos por volta dos 12 anos de idade”.

Balão 2: “Meu Deus! Ainda bem que não sou uma bruta de uma garoupa!”

Balão 3: “As ostras nascem fêmeas, depois, todo ano mudam de sexo.”

Balão 4: “Que legal! Detesto rotina”



Figura 8

Fonte: Boucher, Françoize, 2014. (p.14)

Boucher (2014, p. 14), mostra que na terra as coisas ocorrem assim:

“Na idade adulta, alguns humanos decidem mudar de sexo: são os transexuais!”

Observe o que ocorre depois de Raul ser operado.

“Muito embora isso seja muito, muito, muito raro, acontece!”

Acreditamos que, com este trabalho, deixamos uma contribuição para a futura prática docente de estudantes de pedagogia, futuros professores, despertando-lhes consciência e percepção das diferenças com sensibilidade, respeito e valorização da diversidade.

Referências

ANNUNCIATO, Pedro; MAYUMI, Rita; RATIER, Rodrigo. Eu fui punida por debater. Demissões e notificações ameaçam quem discute política de gênero. Saiba o que fazer. *Revista Nova Escola*, 294, (ISSN 0103-0116) ano 31, agosto de 2016, São Paulo: Editora Abril, 2016.

BOUCHER, Françoize. O livro que finalmente diz tudo sobre meninas e meninos: (o fim do grande mistério) / Françoize Boucher; Trad. Marcos Marcionilo. – 1. ed. – São Paulo: Pá de Palavra, 2014.

BRASIL. GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL. SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL. *Currículo em Movimento da Educação Básica*. Ensino Fundamental. Anos Iniciais. s.l. / s.d.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. *Acervos Complementares: alfabetização e letramento nas diferentes áreas do conhecimento* / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Brasília, DF, 2012.

FELICIANI, Mario Rui. *O livro das combinações: quando um país joga junto* / Mario Rui Feliciani; ilustrações de Galvão. - São Paulo: Scipione, 2012.

FREITAS, Joanneliese de Lucas. A criança sob o olhar fenomenológico: o despertar do mundo-da-vida. In: FEIJOO, Ana Maria Lopes Calvo e FEIJOO, Elaine Lopes (Orgs.) *Ser criança: uma compreensão da experiência infantil*. Rio de Janeiro, RJ: Edições IFEN, 2015. p. 35 – 52

FREITAS, V. A. de L. *Literatura e Educação: a questão de gênero nos livros de literatura infanto-juvenil da Caixa de Leitura Complementar do MEC*. Relatório de Pesquisa. Universidade de Brasília, UnB. Faculdade de Educação. Departamento de Métodos e Técnicas. Brasília, DF: s. ed., 2016.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HOFFMAN, Mary. *O grande e maravilhoso livro das famílias*. Ilustrações: Ros Asquith. São Paulo: Edições SM, 2010.

KUHLMANN, Jr. Moysés; FERNANDES, Rogério. Sobre a história da infância. In.: FARIA FILHO, Luciano Mendes de. (org.) *A infância e sua educação: materiais, práticas e representações*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MIRANDA, Ana. *Carta do tesouro: para ser lida às crianças*. Ilustrações: Ana Miranda. São Paulo: Armazém da Cultura, 2013.

MENDONÇA, Fabiana Pires e CLEMENTE, Vanessa Maria da Silva. *As concepções de criança e infância como norteadores de uma prática pedagógica*. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/mariliapires7/as-concepes-de-criana-e-infncia-como-norteadores-de-uma-prtica-pedaggica>> Acesso em: 22 nov. 2015.

NEWSTEAM/SWNS GROUP/GROSBY GROUP (Capa). Vamos falar sobre ele? *Revista Nova Escola*, 279, (ISSN 0103-0116) ano 30, fevereiro de 2015, São Paulo: Editora Abril, 2015.

ROSA, Sonia. *O menino Nito: então, homem chora ou não?* / Sonia Rosa; Ilustrações: Victor Tavares. – 4. ed. – Rio de Janeiro, RJ: Pallas, 2008.

SAYÃO, Deborah Thomé. *Relações de Gênero e Trabalho Docente na Educação Infantil: Um Estudo de Professores em Creche*. Florianópolis: Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, 2005. Disponível em: <<http://www.ced.ufsc.br/~nee0a6/DEBORATSE.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2015.

SOARES, Wellington e CASIMIRO, Patrick. Assim se faz uma escola acolhedora: a trajetória de um colégio referência revela avanços e desafios persistentes na aceitação das sexualidades. *Revista Nova Escola*, 294, (ISSN 0103-0116) ano 31, agosto de 2016, São Paulo: Editora Abril, 2016.

SOARES, Wellington. Precisamos falar sobre Romeo... .. Iana, Roberta e Emilson. A escola trata com preconceito quem desafia as normas de papéis masculinos e femininos. *Revista Nova Escola*, 279, (ISSN 0103-0116) ano 30, fevereiro de 2015, São Paulo: Editora Abril, 2015.

SOUZA, Karina Valdestilhas Leme de. *A prática da leitura na escola e as relações de gênero e sexualidade: subsídios para reflexão sobre formação inicial e contínua de professores (as)*. 184 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2014.

WHITCOMB, Mary E. *Lilás, uma menina diferente*. Tradução de Charles Cosac. Ilustrações de Tara Calahan King. – 3 ed. – São Paulo: Cosac Naify, 2011.

PARTE III – PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Apesar de encerrar, aqui, uma fase de minha vida, não enxergo o fim da graduação como um ponto final em meu percurso acadêmico. Pelo contrário, esta é apenas a primeira fase, que se encerra para dar espaço às novas experiências que virão. Durante o processo de construção deste trabalho, me vi cada vez mais apaixonada pelo tema e pelas reflexões que ele proporciona, de forma que pretendo retomar esta pesquisa e dar continuidade em meus estudos através de Mestrado e Doutorado, aprofundando o tema em mais riqueza e detalhamento.

Dentre tantas possibilidades e certezas que o curso de Pedagogia me proporcionou, uma delas é a de que quero trabalhar em sala de aula, como professora para a Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental, me esforçando ao máximo para deixar a minha contribuição para uma Educação melhor.

Em meus objetivos profissionais, atualmente a minha meta é o serviço público, estou me preparando para o concurso da Secretaria de Educação do Distrito Federal, a ser realizado em Janeiro de 2017, visando estabilidade e a oportunidade de aplicar à rede pública todo o conhecimento que a Universidade me proporcionou.

Pretendo, ainda, conseguir executar, na prática, tudo o que aprendi com o meu tema de monografia e permitir que tais reflexões reflitam na minha prática pedagógica, dada a relevância do assunto em questão.